

Boécio leitor de Aristóteles: uma ética eudaimonista

Cleber Duarte Coelho*

Resumo: Este artigo pretende investigar a noção de felicidade no *De Consolatione Philosophiae* de Boécio. Num primeiro momento, demonstramos a partir da presente obra o que a felicidade não é. Ao se dar conta de onde a felicidade não está, Boécio então é levado ao reconhecimento da autêntica felicidade, isenta de males e perturbações: completa. Também estabelecemos um paralelo comparativo com o livro I da *Ética a Nicômacos* de Aristóteles, uma vez que Boécio demonstra-se aristotélico em sua argumentação sobre a felicidade, seguindo o paradigma estagirita de uma ética eudaimonista

Palavras-chave:

Este artigo pretende investigar a noção de felicidade no *De Consolatione Philosophiae* de Boécio, bem como estabelecer breve comparativo com o livro I da *Ética a Nicômacos* de Aristóteles, uma vez que Boécio demonstra-se aristotélico em sua argumentação sobre a felicidade, seguindo o paradigma estagirita de uma ética eudaimonista.

Uma das principais questões abordadas por Boécio no *De Consolatione Philosophiae* é a que diz respeito à felicidade. A discussão a respeito deste problema acaba se tornando um dos alicerces da obra, sendo todo o livro III dedicado a ela.

A Filosofia, mestra de Boécio, pretende levá-lo ao reconhecimento da verdadeira felicidade. De fato: todos os mortais, indistintamente, buscam ser felizes. Todas as ações humanas são voltadas e direcionadas para este fim, e independentemente de quaisquer atitudes que o homem venha a tomar, seu objetivo nada mais é que a busca da felicidade. “Os mortais têm todos uma única preocupação pela qual não medem esforços; seja qual for o caminho tomado, o objetivo é sempre o mesmo: a felicidade”¹. (Boécio: 1998, pág. 55)

* Cleber Duarte Coelho é aluno de Doutorado do programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹ Severino Boécio. *Philosophiae Consolatio*. Livro III, prosa 2. “Omnis mortalium cura quam multiplicium studiorum labor exercet diverso quidem calle procedit, sed ad unum tamen beatitudinis finem nititur pervenire.”

O ponto de partida do qual Boécio se vale é justamente este argumento que tanto nos lembra Aristóteles², quando afirma que a finalidade humana, aquilo a que todos os homens tendem, é a felicidade. E ressalta:

“É evidentemente a felicidade que os homens buscam por caminhos tão diferentes, e isso serve para mostrar manifestamente a energia inesgotável da natureza, já que, por contraditórios e diversos que sejam, todos eles reconhecem estar perseguindo um mesmo fim: a felicidade.”³

Sendo então a felicidade o objetivo de todos os mortais, o erro destes consiste em buscá-la nos lugares errados. Os homens vivem como sonâmbulos ou ébrios, que não conseguem encontrar o caminho para a própria casa. Isto ocorre porque não sabemos onde se encontra aquilo que procuramos. A Filosofia lembra a Boécio que os homens sempre buscam a felicidade no mundo, nos bens da Fortuna. A felicidade mundana, entretanto, é moldada pelas vicissitudes, além disso, esta felicidade nunca é ausente de perturbações: “Acaso existe algum homem que possua uma felicidade tão perfeita que não se queixe de algo? A felicidade terrestre traz sempre consigo preocupações e, além de nunca ser completa, sempre tem um termo”⁴ (Boécio: 1998, pág. 34)

Com efeito, todos os homens desejam encontrar a felicidade, mas a ignorância humana os desvia para os falsos bens. Quando nos lançamos ao mundo exterior ávidos por encontrarmos nele a felicidade, caímos em erro e engano. Atribuir demasiado valor aos bens exteriores é colocar-nos numa condição inferior a eles. E as preocupações, que aumentam à medida que damos mais importância aos bens exteriores, ferem o princípio da razão, uma vez que esta deve auxiliar-nos na busca da felicidade. A razão, diz Boécio, nos faz superior a todo o resto da criação e deve comandar nossa vida. Negada a

² Aristóteles, *Ética a Nicômacos*, 1102 a. “Para nós é evidente, em vista do que dissemos, que a felicidade é algo louvável e perfeito. Parece que é assim porque ela é um primeiro princípio, pois todas as outras coisas que fazemos são feitas por causa dela, e sustentamos que o primeiro princípio e causa dos bens é algo louvável e divino.”

³ Severino Boécio, *op. cit.*, III, prosa 2. “Bonum est igitur quod tam diversis studiis homines petunt; in quo quanta sit naturae vis facile monstratur, cum licet viriae dissidentesque sententiae tamen in diligendo boni fine consentiunt.”

⁴ *Ibid.*, II, prosa 4. “Quis est enim tam compositae felicitatis ut nom aliqua ex parte cum status sui qualitate rixetur? Anxia enim res est humanorum condicio bonorum et quae vel nunquam tota proveniat vel nunquam perpetua subsistat.”

supremacia da razão, tornamo-nos ignorantes de nós mesmos, não nos distinguindo dos animais, sem percebermos que a busca desenfreada pela felicidade nos bens terrenos só nos traz perturbações. Afirma o próprio Boécio: “Estranha felicidade esta, proporcionada pelos bens terrestres: só se pode possuí-la ao custo da própria tranqüilidade”⁵ (Boécio: 1998, pág. 41).

A verdadeira felicidade não se encontra na instabilidade e multiplicidade deste mundo. Alguns, acreditando que o supremo bem esteja na riqueza, trabalham incessantemente, no intuito de poderem adquirir para si os tesouros financeiros. Outros, pensando que a felicidade esteja no fato de serem considerados e respeitados entre os seus, buscam ocupar cargos honoráveis. Há ainda os que julgam estar a felicidade no poder e, desta forma, buscam adentrar na corte dos governantes. Há também uma grande maioria que acredita estar a felicidade nos prazeres, e a eles se entregam desmedidamente.

Todos estes bens, no entanto, não tornam o homem plenamente satisfeito, não dão ao homem uma felicidade completa. Ora, a verdadeira felicidade é completa em si mesma e os homens só buscam estes bens por considerarem que eles os preenchem. Mas os bens terrestres não dão ao homem aquilo que prometem. Eles não tornam o homem ausente de perturbações e ainda geram novas necessidades, tornando-nos mais dependentes de outras contingências exteriores.

Boécio, então, reconhece que as riquezas e as honrarias não contém em si mesmas nenhuma beleza e dignidade. Do mesmo modo, o poder gera preocupações e não consegue conservar a si mesmo. A glória e a fama são geradoras de enganos e decepções, tornando o homem desconhecedor de sua real condição. Os prazeres igualmente trazem tormentos e remorsos ao homem.

Assim, Boécio reconhece e percebe onde não se encontra a verdadeira felicidade. Todo este movimento de reconhecimento dos falsos bens foi direcionado por sua mestra (a Filosofia), para que ele melhor pudesse estruturar-se na busca da autêntica felicidade.

⁵ Ibid., II, prosa 5. “O praeclara opum mortalium beatitudo, quam cum adeptus fueris securus esse desistis!”

Ao mencionar este excelso bem, que encerra em si a plenitude de todas as coisas desejadas, a Filosofia torna-se contundente quando lhe dirige a pergunta: “Crês que nestas coisas mortais e caducas haja algo que possa realizar uma condição deste tipo?”⁶. (Boécio: 1998, p.74)

Neste ponto, o diálogo é momentaneamente interrompido, e Boécio dirige uma prece ao divino arquiteto do universo, para que ilumine sua mente e lhe mostre o caminho para a luz, para que possa encontrar a verdade. O canto de ação de graças conclui-se com um pedido:

“Concede, ó Pai, à minha mente elevar-se à tua sublime morada, concede que eu possa atravessar a fonte purificadora do bem e, descoberta a luz, que eu possa fixar em ti os olhos atentos de meu espírito. Dissolve as trevas e o peso de massa terrena e refulge em teu esplendor; pois tu és serenidade, tu és o repouso tranquilo para os justos; contemplar-te é o nosso fim; tu que és, ao mesmo tempo, o princípio, o sustentáculo, o guia, o caminho e a meta”⁷.

Deus, que possui o bem supremo, é a fonte de todos os bens. Sua existência se comprova pela noção de perfeição que temos em nós. Só sabemos que algo é mais ou menos perfeito porque o comparamos com a própria perfeição. Se a perfeição não existisse, não poderíamos sequer pensar na existência de imperfeição. Para Boécio, o fato de o imperfeito existir comprova a existência da perfeição, pois se a perfeição não existisse, não poderíamos sequer imaginar a existência do imperfeito.

Deus, que é o princípio de todas as coisas, ao qual não podemos conceber nada melhor, (se um melhor existisse, ele é que deveria chamar-se Deus) possui o bem perfeito presente em si. Se outro algo possuísse o bem supremo e fosse anterior a ele, este é que seria Deus. É preciso admitir, portanto, que o Deus soberano contém o perfeito e soberano bem. O bem perfeito, ausente de males, é a felicidade, tendo em vista que nenhum mal pode atingi-lo. A verdadeira felicidade, então, reside em Deus. Entretanto, Deus

⁶ Ibid., III, prosa 9. “Essene aliquid in his mortalibus caducisque rebus putas quod huius modi statum possit afferre?”

⁷ Ibid., III, canto 9. “Da pater, augustam menti conscendere sedem, da fontem lustrare boni, da luce reperta in te conspicuous animi difigere visus. Dissice terrenae nebulas et pondera molis atque tuo splendore mica; tu namque serenum, tu requies tranquilla piis, te cernere finis, principium, vector, dux, semita, terminus idem.”

não receberia a felicidade do exterior, pois ela está contida nele. Deus é a felicidade. Afirma a Filosofia:

“Não vás supor que o Pai de todas as coisas tenha recebido do exterior o soberano bem, que está contido nele ou que ele o possua devido à natureza, de tal forma que Deus e a felicidade, isto é, o possuidor e a coisa possuída, fossem substâncias distintas”⁸.

Desta forma, o princípio de todas as coisas é o soberano bem, e como foi afirmado que o soberano bem e a felicidade são a mesma coisa, “é preciso admitir que Deus é a suprema felicidade”⁹ (Boécio: 1998, pág. 78).

Se é através da felicidade que as pessoas se tornam felizes, e a felicidade é de natureza divina, é por participação na divindade que os homens podem se tornar felizes. De fato, quando alguém adquirir a felicidade tornar-se-á um deus, mas como há apenas um único Deus, “como partícipe do divino nada impede que um homem o seja”¹⁰. (Boécio: 1998, pág. 79)

Assim, à medida que o homem torna-se feliz, ele torna-se também um deus, como partícipe do Deus soberano. Boécio chega a esta definição através de um *porísma* (corolário). Segundo Savian Filho: “A resposta consiste em dizer que, de fato, por natureza, Deus é apenas um, mas, por participação, ele pode ser muitos.” (Savian Filho: 2008, p. 62)

Se de um lado é pela aquisição da felicidade que as pessoas se tornam felizes e, de outro, a felicidade é por natureza divina, conclui-se que é pela aquisição do divino que elas podem se tornar felizes.

Desta forma, aquele que é o princípio de todas as coisas torna-se também o fim a ser buscado pelos homens. Para isso, no entanto, é preciso voltar-se para dentro de si, buscar fazer brilhar a luz interior. A verdade encontra-se exatamente aí, no espírito humano, e não fora de si.

Boécio, assim, considera-se satisfeito por poder recordar qual o autêntico caminho para se atingir a verdadeira felicidade. Encontra na Filosofia

⁸ Ibid., III, prosa 10. “Ne hunc rerum omnium patrem illud summum bonum quo plenus esse pehhibetur vel extrinsecus accepisse vel ita naturaliter habere praesumas quasi habentis dei habitaeque beatitudinis diversam cogites esse substantiam.”

⁹ Ibid. “Igitur, inquit, deum esse ipsam beatitudinem necesse est confiteri.”

¹⁰ Ibid. “participatione vero nihil prohibet esse quam plurimos.”

seu consolo, pois é ela mesma quem lhe demonstra que ele pode encontrar a felicidade *em si mesmo*.

É desta forma que nosso sábio encontra sua quietude, certo de que o modo de vida voltado para seu interior é que lhe pode assegurar a felicidade, pois já sabe o que é o sumo bem, onde encontrá-lo, como chegar a ele. Nesta altura do diálogo, sua mestra lhe diz que ainda pouco tem a ensinar-lhe, pois ele já pode, por si mesmo, encontrar a felicidade e o caminho para a verdadeira pátria.

Gostaríamos agora de ressaltarmos, brevemente, algumas passagens do livro I da *Ética a Nicômacos* de Aristóteles, pois encontramos ecos desta obra na teoria Boeciana.

De fato, Aristóteles afirma em 1097 a-b da *Ética a Nicômacos* que a felicidade é “tida como este bem supremo, pois a escolhemos sempre por si mesma” (Aristóteles: 1985, p. 23) Tudo aquilo que escolhemos visa à felicidade. Segundo o próprio Aristóteles, todos os tipos de bens que buscamos: honrarias, prazer, inteligência e outras formas de excelência, buscamos “por causa da felicidade, pensando que através delas seremos felizes.” (Aristóteles:1985, p.23)

Ora, se a felicidade para Boécio é necessariamente completa e ausente de perturbações, o que o leva a identificá-la com Deus e, se, para Boécio, a roda da Fortuna faz o homem viver na inconstância e perturbação, uma vez que os bens da Fortuna não são completos em si mesmos, mas proporcionam novas e incessantes necessidades, o conceito de felicidade defendido por Boécio parece ter uma correspondência imensa com o pensamento de Aristóteles¹¹, quando este diz que: “ “auto-suficiente” pode ser definido como aquilo que, em si, torna a vida desejável por **não ser carente de coisa alguma**, e isto em nossa opinião é a felicidade” (Aristóteles:1985, p.24). Aristóteles ainda afirma: “Logo, a felicidade é algo final e auto-suficiente, e é o fim a que visam as ações.” (Aristóteles: 1985, p.24)

¹¹ Segundo Savian Filho, “não há dúvida de que ele (Boécio) assume para si o projeto da ética eudaimonista de Aristóteles.” Cf. *Boécio e a ética eudaimonista*, In: Cadernos de Ética e Filosofia. Política 7. São Paulo: Produção USP, 2005. pág. 121.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar que Boécio primeiramente mostra onde a felicidade não está: a saber, nos bens instáveis e inconstantes da Fortuna, que geram angústia e aflição em sua transitoriedade, por não serem completos. Empenha-se em mostrar onde está a verdadeira felicidade e o que ela é, equiparando Deus, o bem e a felicidade. Por isso, quando Aristóteles afirma: "... a felicidade, em nossa opinião, é algo permanente e não facilmente sujeito a mudanças, enquanto a roda da fortuna pode muitas vezes dar uma reviravolta completa em relação ao mesmo homem"(Aristóteles, 1985, p. 29) , temos mais uma vez diante de nossos olhos a possibilidade de aproximação entre Boécio e a *Ética a Nicômacos* em virtude das reflexões e fundamentações éticas no *De Philosophiae Consolatione*. Se, na terminologia aristotélica, o *télos* é *aquilo para que todas as coisas tendem*, no sentido de finalidade, e o ser humano busca as excelências visando o maior de todos os bens: a felicidade; em Boécio o reconhecimento de onde a felicidade não está o leva a voltar-se para a autêntica felicidade, felicidade esta "para a qual todas as coisas se remetem"(Boécio: 1998, p.86) , aquilo que todas as coisas procuram, fim de todas as coisas. O princípio de tudo passa a ser também, então, finalidade, autêntica felicidade, para a qual *todas as coisas tendem*. Nas palavras do próprio Boécio: "... princípio, sustentáculo, o guia, caminho e meta."(Boécio: 1998, p.76)

Referências

- ANICII M. S BOETHII.** *Philosophiae Consolatio*. Turnholti: Typographi Blepols Editores Pontificci, 1984. (Editado por Ludovicus Bieler)
- _____. *Consolazione della filosofia*. Introduzione, note, apparati di Luca Obertello. Milano: Rusconi Libri, 1996.
- _____. *A consolação da filosofia*. Trad. do latim por Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARISTÓTELES.** *Ética a Nicômacos*. Trad. Mário da Gama Kury. 3 ed. Brasília: Editora da UNB, 1985.
- SAVIAN FILHO, J.** *Metafísica do ser em Boécio*. São Paulo: ed. Loyola, 2008.
- _____. *Boécio e a ética eudaimonista*. In: *Cadernos de Ética e Filosofia Política* 7. (págs. 109-127) São Paulo: Produção USP, 2005.